

José de Souza Martins pelo avesso da memória

22 DE MAIO DE 2015 22 DE MAIO DE 2015 | EDITORACOMARTE

Por Jean Pierre Chauvin

A publicação de *Desavessos*, do sociólogo José de Souza Martins, constitui por si só um evento de considerável dimensão. Aliando o texto verbal ao não verbal, conjugando os versos à prosa que anuncia, as metáforas sugeridas por seus textos aderem com firmeza às fotografias realizadas pelo próprio artista.

Responsável pela criação e tratamento da capa, Ana Lígia Martins revela-nos que a textura empregada no material traduz a concretude da imagem, representada na visão translúcida através do vidro espesso, temperado, em sua transparência do avesso. E o avesso, a percepção dos contrastes, diz muito sobre esse livro.

O subtítulo dado pelo autor (*Crônicas de poucas palavras*) parece dialogar inclusive com o formato que se deu ao produto: suporte, alcance, matéria. Mas o leitor não se engane ou apequene: por detrás dessa prosa poética, de molde singelo e fotografias que ora sugerem, ora mostram, há uma poderosa conexão entre o que se diz e o que se vê; entre o que se traça e o que se retrata.

Figuração pode ser uma palavra-chave a descrever o que vai dito e representado imageticamente em *Desavessos*. No “Sumário”, deparamos com o arranjo simétrico das crônicas em verso, fruto das memórias revisitadas pelo poeta e dos caminhos que o leitor pode vir a trihar.

É sugestivo que as três páginas que compõem a seção irmanem-se em exata simetria, comportando dezenove títulos cada, quase todos de breve extensão, a tratar de questões as mais sérias.

Na “Abertura em Si”, José de Souza Martins sintetiza a forma com que concebe e vê determinadas coisas: “No real há muito de Lewis Carroll e de Franz Kafka”, com seu “dedo metodológico do absurdo” (p. 11). O convite à denúncia está registrado.

Firmado o pacto com o leitor, é a partir dele que passamos à leitura dos versos e fotografias segundo uma visão analítica e o faro para o exame conceitual das imagens em preto e branco. Nesse sentido, o retrato de uma “Noite chuvosa” (p. 19) recupera a palavra-chave da crônica

“Entretanto”, registrada na página anterior, em que o artista se pergunta sobre “o quem sabe das horas” (p. 18).

“Presença do ausente” traz dois pratos empilhados, sugerindo que o fato de estarem vazios converte a falta, talvez representação da fome, em materialidade, ocupação do que é utensílio vazio. O prato, afinal, é um desses “objetos cheios de humanidade” (p. 25), sintetiza o poeta.

Em “Arquitetura do vazio” (p. 29), a fotografia ilustra, exata que ela é, o que afirmam os versos de “Fábrica”: lugar de “oculta produção”, feita “de opostos”. (p. 28). Algumas dessas crônicas em verso e imagem sugerem o desenho com palavras, como é caso de “Rua” (p. 30), redigida na estreiteza de uma via de mão dupla. A ideia de um caminho que tanto leva quanto traz de volta é reforçada na provocativa legenda da figura adjacente, que indaga: “Rua que sobe ou rua que desce?” (p. 31)

“Menos valia” é um dos textos mais impactantes do livro. Retomando o conceito que se liga às gritantes formas de exploração patronal, sob os diversos signos da violência, os versos desenham os sintomas do abuso: “a acumulação de capital:/a acumulação de destinos/sem volta,/de paredes nuas, /de máquinas paradas, de traves empoeiradas (...)” (p. 36)

O cenário industrial contagia outras belas páginas de *Desavessos*, como os versos de “Tecelagem Mariângela”, que leva o nome de uma mulher e se dirige ao coletivo feminino que lá trabalhava: “Na porta da Mariângela/as moças já não esperam namorados” (p. 46). Na página justaposta, uma fotografia que sugere uma linha entre a “fábrica e a fé” (p. 47), como se o artista estendesse as acepções do fio, fiar.

“Aqui” realça um passado marcado pelo “suor do trabalho” que “umedeceu os sonhos”, fruto de “mãos experientes” que “fecundaram o possível”, afinal “o futuro era uma certeza/tão funda/quanto o que havia no retorno seguro/ de Papai Noel/ a cada Natal” (p. 56). O tema reaparece em “Última jornada” (p. 76) e acumula densidade em “Separações”: “Tatá... Tatá...” (p. 90 e 93): onomatopeia de “uma folha de zinco” que “teima em ficar/agarrada à carcaça/de uma estrutura de aço” (p. 90).

Em “Apenas”, ao descrever a prisão, José de Souza Martins dialoga com o célebre Manuel Bandeira, mas em um movimento de volta, fuga, liberdade do avesso: “Vim-me embora/de Pasárgada” (p. 66). O assunto é matéria essencial de “Movimento” (p. 124), poema-pergunta em que a sucessão de pronomes interrogativos (“Quantos, Quantas, Quem, Por quê, Quando”) sugere a mobilidade entre as dimensões do tempo, a balouçar entre o presente e o futuro, sob o retrospecto da poderosa lembrança, que não se restringe ao pretérito, portanto.

“Largo da Memória” evoca o passado em que cronista lia os versos de Paulo Bonfim e se ressentia da tristeza encarnada por Paulo Eiró. O Largo, que traz lembranças doces é composto “de pedra,/ a uma quadra,/ de uma sonata de Chopin/no piano do Municipal”. A memória também é tema de “Flanar” (p. 82), em que Martins relembra o tempo de seus avós e bisavós.

Veja-se que as memórias de si mesmo irmanam-se com a dos personagens: outros, distantes, mas aproximados pela solidariedade. José de Souza Martins empresta a voz aos operários, aos que tiveram que deixar seus postos de trabalho, e mesmo a “luva de amianto”, a jazer “na frieza cinzenta/dos poucos graus/de seu salário” (p. 110).

Até mesmo o bispo Sardinha, devorado pelos índios, comparece ao livro, nos versos de “Jaraguá”, que relembra: “Já não há ouro nas grimpas de Jaraguá” e contrapõe, otimista, a permanência de outra riqueza, o “metal precioso/de nossa memória” (p. 84).

Permitamo-nos dizer que os versos soam um pouco nossos, atemporais que também são – produzidos por um narrador que abarca e traduz o coletivo. À medida que lemos os episódios vivenciados por essa voz autorizada a narrar e ilustrar o passado, reparamos: a temporalidade pode ser relativizada pela poética, apesar de vivermos em uma era cronologicamente outra, nem por isso alheia aos eventos convertidos em palavra pictórica por José de Souza Martins.



BLOG NO WORDPRESS.COM. O TEMA SKETCH.